

QUANDO COMEÇAMOS A DIAGNOSTICAR A INFÂNCIA:

CRIANÇAS, ADOLESCENTES E A FORMAÇÃO DE UMA GERAÇÃO QUE PRECISA APRENDER A SOFRER

Nas pastorais anteriores, refletimos sobre a tendência crescente de transformar sofrimentos, limitações e dificuldades humanas em categorias diagnósticas. Também vimos, a partir de 1 Tessalonicenses 5.14, que nem toda dificuldade possui a mesma natureza e, por isso, nem tudo precisa da mesma resposta. Agora precisamos levar essa conversa para um terreno ainda mais sensível: **a infância e a adolescência**. Esse cuidado é necessário porque crianças e adolescentes estão em processo de formação. Ainda estão aprendendo a esperar, lidar com frustrações, organizar responsabilidades, controlar impulsos, nomear emoções, enfrentar medos, conviver com limites e perseverar quando alguma coisa se torna difícil. E nada disso acontece de uma vez, porque simplesmente amadurecer exige tempo.

Isso posto, precisamos ter cuidado para não interpretar imediatamente toda dificuldade desse processo como sinal de transtorno, o que não significa negar que crianças e adolescentes possam enfrentar condições reais e graves. Algumas apresentam dificuldades persistentes que precisam de avaliação profissional, acompanhamento especializado e, em certos casos, tratamento médico. Ignorar isso seria irresponsável. Mas existe outro risco que tem a ver com tratar como patológico aquilo que pertence, em alguma medida, à própria condição de crescer. Uma criança inquieta não possui necessariamente um transtorno nem um adolescente triste está necessariamente deprimido no sentido clínico. Sentir ansiedade antes de uma prova, enfrentar insegurança diante de uma mudança, ter dificuldade em lidar com rejeição ou experimentar frustração não significa automaticamente que alguma coisa esteja clinicamente errada. Algumas dessas experiências são dolorosas precisamente porque crescer é difícil. Ou nós adultos já nos esquecemos disso? Esquecemo-nos que uma criança não nasce sabendo administrar o próprio mundo interior? Que ela precisa aprender e descobrir que nem todo desejo será atendido imediatamente, que algumas tarefas continuam sendo necessárias mesmo quando não sente vontade de realizá-las, que a frustração não é uma catástrofe, que perder faz parte da vida, que ouvir “não” não significa deixar de ser amado, que sentimentos intensos passam, que determinadas dificuldades exigem perseverança?

Pais e educadores sempre participaram desse processo de formação. Quando damos um nome clínico muito rapidamente a cada obstáculo, corremos o risco de deixar em segundo plano aquilo que a criança precisa aprender e passamos a concentrar nossa atenção apenas naquilo que ela tem. Notem que não estou desprezando as duas observações. Elas podem ser necessárias em determinados casos, mas não significam a mesma coisa. Explico-me: o diagnóstico procura reconhecer uma condição. A formação procura ajudar uma pessoa a amadurecer. Uma coisa não precisa excluir a outra. O problema se torna ainda mais delicado porque crianças e adolescentes estão formando sua compreensão de quem são. Palavras repetidas por adultos entram nessa construção. Por exemplo: “Você é preguiçoso”, “Você é ansioso”, “Você é TDAH”, “Você é depressivo”. Mesmo quando algumas dessas expressões surgem de um diagnóstico real, precisamos pensar no peso que passam a exercer sobre quem está em processo de assimilação acerca de sua identidade. Existe diferença entre dizer: “Você enfrenta uma dificuldade importante de atenção e estamos aprendendo como ajudá-lo” e dizer: “Você é TDAH”. No primeiro caso, temos uma criança com dificuldade. No segundo, a dificuldade começa a funcionar como definição da criança. A Escritura nos ensina uma visão muito maior da pessoa. Antes de qualquer laudo, existe alguém feito à imagem de Deus. Como observa Michael Emler, ao refletir sobre o perigo de encontrarmos nossa identidade em um diagnóstico psiquiátrico, essas categorias podem descrever lutas muito intensas, mas

“não definem a totalidade da sua vida”.
<https://www.ccef.org/video/how-can-i-avoid-the-temptation-to-find-my-identity-in-my-psychiatric-diagnosis>).

O diagnóstico pode nos ajudar a compreender parte da experiência de uma criança; não deveria receber o direito de dizer quem ela é. Emlet, inclusive, defende uma posição equilibrada: nem aceitação acrítica das classificações psiquiátricas, nem rejeição automática delas. E, quando falamos de uma criança que pertence a Cristo, sua identidade mais profunda não está naquilo que seu corpo ou sua mente enfrentam, mas naquele a quem ela pertence. Um diagnóstico pode explicar parte de sua experiência. Não deveria receber o direito de escrever toda a sua história.

Outra preocupação aparece quando o diagnóstico começa a funcionar como uma espécie de destino antecipado. “Eu não consigo porque sou assim”, “Não adianta insistir”, “Meu cérebro funciona desse jeito”. Em algumas situações, essas frases expressam limitações muito reais. Não devemos ignorá-las nem exigir de todas as crianças as mesmas capacidades. Mas reconhecer limites não significa abandonar expectativas de crescimento. Por exemplo, uma criança com dificuldade de atenção pode aprender estratégias para organizar suas tarefas; um adolescente que luta intensamente contra a ansiedade pode aprender a enfrentar situações difíceis com ajuda. Ou seja, alguém com limitações reais continua sendo alguém capaz de amadurecer. A graça de Deus não exige capacidades iguais de todos. Ela nos encontra em lugares diferentes e trabalha conosco a partir deles. E acredito que compreender isso nos ajuda muitíssimo na maneira de educar. Em vez de dizer “você não tem motivo para sentir isso”, podemos reconhecer: “isso está sendo realmente difícil para você”. Mas não precisamos parar aí. Podemos continuar: “Vamos aprender juntos como enfrentar isso”. Esse é um modo profundamente cristão de unir compaixão e formação.

Por fim, precisamos ensinar nossos filhos a sofrer. Como assim? Permita-me explicar: temos procurado ensinar crianças a identificar emoções, o que pode ser muito bom; todavia, precisamos também ensiná-las a atravessar emoções difíceis. A Bíblia nunca prometeu uma vida sem tristeza, medo, frustração, solidão ou decepção. Os Salmos nos apresentam pessoas chorando diante de Deus. Os personagens bíblicos, pessoas reais, conheceram medo, tristeza, angústia, fraqueza, perdas que quase não cabiam em palavras. Quem não se lembra de “Jesus chorou”? Portanto, a maturidade cristã não consiste em nunca experimentar emoções dolorosas. Mas sim em aprender a vivê-las diante de Deus. Uma criança precisa aprender que pode sentir tristeza sem perder a segurança, enfrentar o medo e pedir ajuda, fracassar sem transformar o fracasso em identidade, lidar com a frustração de ser contrariada e descobrir que ainda é possível seguir adiante. Também precisa saber que pode chorar, esperar, tentar novamente e até orar enquanto continua sentindo aquilo que gostaria que já tivesse passado. Se toda emoção desconfortável for tratada imediatamente como algo que precisa desaparecer, corremos o risco de formar pessoas pouco preparadas para uma vida que inevitavelmente envolverá sofrimento. David Powlison, refletindo sobre sua própria experiência de fraqueza e sofrimento, afirmou que “Deus trabalha em e através do sofrimento” (<https://www.ccef.org/god-changing-us/>). Isso não transforma a dor em algo desejável nem nos impede de buscar alívio. Significa que o objetivo da formação cristã não pode ser simplesmente eliminar todo desconforto da vida de nossos filhos. Queremos ensiná-los a reconhecer que, mesmo nas experiências que não escolheriam, Deus continua presente e pode fazê-los amadurecer. Romanos 5 diz que a tribulação produz perseverança, experiência e esperança.

Gostaria de provocá-los a diminuir a velocidade das conclusões diante de uma criança ou adolescente que está enfrentando dificuldades. Que tal verificar obviedades? Como está o sono? Como está a rotina? Quanto tempo passa diante das telas? Existe atividade física? Como está a vida familiar? Alguma coisa mudou recentemente? As dificuldades aparecem em todos os ambientes ou apenas em alguns? Como estão os relacionamentos? Existe alguma pressão escolar importante? Quanto tempo essa situação já dura? Que impacto real ela está produzindo?

Essas perguntas não substituem avaliação profissional quando ela é necessária. Elas apenas nos lembram de que ninguém deve ser reduzido rapidamente a uma categoria. E, se a avaliação indicar uma

condição real, pais e igreja não precisam enxergar isso como derrota. Buscar ajuda responsável pode fazer parte do cuidado. O erro não está em receber um diagnóstico, mas em permitir que ele explique tudo. Nossa tarefa é ajudar esses preciosos a compreender suas limitações com honestidade, receber ajuda quando necessário e, ao mesmo tempo, descobrir que sua vida é muito maior do que qualquer diagnóstico que venham a receber. Que tal se memorizarmos **2 Coríntios 12.9**? “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.” Deus nos abençoe.

Em Cristo, um aprendiz como você,

Pr. Samuel S Bezerra

AVISOS

Reuniões Virtuais:

Refúgio Matinal e ED – Domingo, 8h30.

Link enviado no grupo de WhatsApp todo domingo.

Culto Vespertino – Domingo, 18h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Grupo Familiar (Adolescentes e Jovens) - Segunda-feira, 20h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Discipulado – Quinta-feira, 20h.

[Clique aqui para acessar.](#)

Dízimos e Ofertas:

Orientamos aos irmãos que participem com seus dízimos e ofertas via transferência eletrônica (Banco Itaú, Agência: 0180, C/C 02249-3).

Instituto Vida em Ação (Ofertas):

As ofertas direcionadas ao Instituto devem ser entregues em conta bancária específica: Banco Itaú, Agência: 7129, C/C 17339-4, PIX CNPJ: 19.053.904/0001-03.

Principais Motivos de Oração:

Nossa igreja e congregações: Conselho e obreiros, Junta Diaconal; Instituto Vida em Ação; Congregações Vale de Esperança e Miracatu; Brasil presbiteriano; famílias; para que Deus nos faça uma igreja discipuladora, que tenha Cristo como sua máxima admiração / paixão / devoção.

Missões: Igreja Presbiteriana em Buerarema (Rev. Eliomário e família); Iglesia Presbiteriana da Argentina em Rubén Paz (Rev. Wilton e família); 5ª Igreja Porto Alegre (Rev. Alceu Petró Jr. e família); Tramandaí (Rev. Fábio e família); Nova Zelândia (Rev. Cláudio e família);

Panamá (Rev. Raimundo, Veridiana e Felipe); Guaraqueçaba (Rev. Manoel e família).

Brasil: pelos poderes constituintes em nossa pátria (Executivo, Legislativo e Judiciário); pela questão econômica, educacional, laboral e profissionais da saúde.

Por motivo de saúde: Arlete, Geissi, Nathalia, Larissa, Hulda, Dc. Adenilson, Oswaldo, Geni, Onilce, Kaliane, Renata.

Trabalhadores: sustento econômico das famílias (empregadores e empregados);

Gratidão: aniversariantes da semana.

Aniversariantes:

29/09: Andrea Ramos

30/09: Maria de Lourdes Huzzian - Tel.: 99660-7847

01/10: Lorenzo Borja

Escalas:

Junta Diaconal:

27/09: Daniel, Adriano e Edreson

Audiovisual:

27/09: Daniel, Kayck, Jorge e Juliana

EQUIPE PASTORAL:

Rev. Samuel Santos Bezerra

Rev. Addy Carvalho Jr.

Rev. Christian Brially Tavares de Medeiros

Lic. Diego David Torres

Sem. Douglas de Araújo Pestana

Sem. José Paulo Dos Santos

Sem. Arthur Oliveira Montenegro

PASTOR EMÉRITO DE SAUDOSA MEMÓRIA:

Rev. Luthero de Aguiar

PRESBÍTEROS:

conselho@ipbetel.org.br:

Arnaldo Moreira Borja (Emérito)

Joel de Sousa Reis (Emérito)

Divonzir da Silva Gomes

Isaías Vidal de Souza

José Carlos Mangueira Dantas

Arnaldo Vinícius Areias Borja

Wilson Reis Ruas

Christian Peter Dalhuisen

PRESBÍTERO EMÉRITO DE SAUDOSA

MEMÓRIA:

Luis Carlos Capasso

DIÁCONOS:

juntadiaconal@ipbetel.org.br

Ademar Ferreira dos Santos (Emérito)

Adenilson Paulo Barbosa

Arlindo de Freitas (Emérito)

Fábio Luis da Silva

Helio Santiago Serra

David Freitas

Hernandes Pereira da Silva

Jiovany da Silva Nobrega

João Henrique dos Reis

Edson de Jesus Fonseca

Daniel Amancio Vidal de Souza

Marcos Nicacio de Oliveira

Adriano de Souza França

Thiago Frederico da Silva

Edreson Gomes da Silva

DIÁCONOS EMÉRITOS DE SAUDOSA MEMÓRIA:

Vandir Batista Gomes

Élcio Ferreira

BOLETIM: Isly (94311-0233), Aline (93349-3501) e
Larissa (95730-6517)

www.ipbetel.org.br

Rua Antônio Dias da Silva, 486 - Vila Amália -
São Paulo/SP - (11) 2233-3232

Facebook: fb.com/ipbetelOficial

Instagram: instagram.com/ipbeteloficial

YouTube: youtube/ipbeteloficial